

LIZ
FLANAGAN



A FILHA DO
DRAGÃO





CAPÍTULO UM

A MILLA ESTAVA ESCONDIDA NUMA laranjeira no dia em que os dragões regressaram a Arcosi. Estava ocupada a ignorar todos os que chamavam por ela, tão teimosamente como ignorava os ramos que se espetavam nas suas costas ou que lhe arranhavam os braços ou que se emaranhavam no seu cabelo preto encaracolado. Ela era suficientemente pequena para ficar completamente escondida pela densa folhagem verde, o que tornava este o esconderijo ideal, mesmo no meio da ação, entre o edifício principal da Casa Amarela e a cozinha.

Se ela virasse a cabeça, conseguia ver, por cima do muro do jardim, os telhados da cidade mais abaixo e contar os navios que se aproximavam do porto. Inspirou o aroma quente e movimentado de Arcosi, a cidade que ela adorava: pedra poeirenta, esgotos malcheirosos, peixe podre, sal, especiarias e flores.

Estar escondida permitia-lhe o primeiro descanso do dia. Ela sentia as pernas fracas e uma sensação de leveza e liberdade que lhe indicava que tinha saltado uma refeição. Esticou o braço e colheu uma laranja aquecida pelo sol, descascando-a com as suas unhas sujas e sugando o sumo dos gomos até este escorrer pelo seu queixo, antes de atirar as provas por cima do muro do jardim.

Começou a sentir-se melhor. Ela sabia que ninguém tinha intenção de lhe dar demasiado trabalho. No entanto, sempre que alguém via a criada mais nova, dizia, «Milla! Tenho um trabalho para ti!», sem se aperceber de que meia dúzia de outras pessoas já lhe tinham dito o mesmo. Era uma questão de honra nunca dizer que não, nunca dizer que estava demasiado cansada. Ela fazia-se útil. Indispensável. Ela nunca daria por si na rua como um gato vadio. É que, nestes dias estranhos, em que os soldados do duque percorriam as ruas de noite e de dia e os rumores voavam mais depressa do que um falcão em busca da sua presa, toda a cidade parecia um grande monstro, que acordara faminto depois de um longo sono. Aos 12 anos, a Milla já sabia que todos precisavam de um lugar seguro. Algum sítio a que pudessem pertencer.

Nesse instante, a Milla ouviu vozes que se aproximavam. Por uma vez, não chamavam pelo seu nome.

Duas figuras pararam quase diretamente por baixo dela. Ela viu a Lanys, outra criada da sua idade, e um homem estranho que usava uma capa azul-escura manchada de sal puxada sobre o rosto. A Lanys devia estar a vigiar o portão enquanto os guardas faziam uma pausa junto ao poço.

— Espere aqui, senhor. Eu vou buscar o meu amo, se me passar a moeda? — A Lanys estava a ser cuidadosa. Todos sabiam que não se podia deixar entrar qualquer viajante, não nestes tempos.

— Toma. Dá-a apenas ao Nestan. — A voz grave do estranho tremeu ligeiramente. E o sotaque? A Milla não conseguia identificá-lo, o que era raro para ela. Soava enferrujado, desacostumado aos sons longos das vogais do norlandês, a língua oficial da ilha de Arcosi.

— Por favor, sente-se. — A Lanys indicou o banco de pedra junto à fonte. — Eu trago-lhe uma bebida quando regressar.

Porém, o estranho não se sentou.

A Milla quase guinchou quando ele passou a mão pelos ramos, mesmo ao lado do pé esquerdo dela. A mão era de um bronze castanho-escuro, enrugada como o caroço de um pêssigo, e segurava um saco com um formato estranho, como um cesto duplo para uma mula, só que mais pequeno. O homem prendeu o saco às cegas à volta do mesmo ramo em que a Milla estava sentada. Como estava sempre a espreitar por cima do ombro, não reparou que havia uma rapariga aninhada no esconderijo que ele elegera.

Ela fitou o saco: tinha quatro bolsos fundos de seda tecida e, agora, dois estavam pendurados de cada lado do ramo mais largo. Eram arredondados, como se contivessem jarros de água. Era a coisa mais bela que a Milla alguma vez tinha visto, e ela sentiu-se atraída para o objeto como uma traça para a chama de uma vela. Tocou num dos bolsos com cuidado — era firme e bem acolchoado — e tentou adivinhar o seu conteúdo. O que precisava de ser escondido com tanta urgência? Rubis? Veneno? Pós explosivos? Ela tirou a mão rapidamente e assegurou-se de que o saco não iria cair e desencadear uma explosão que as deixariam reduzidas — a ela e à laranjeira — a cinzas e ossos.

Uma nova voz falou mais abaixo e ela quase caiu do seu poleiro. A Milla era conhecida pelo seu ouvido apurado, mas

esta pessoa devia ter pezinhos de lã para se ter aproximado tão silenciosamente.

— Onde estão? — silvou a nova voz, tão baixa e tão ameaçadora que ela quase não conseguiu distinguir as palavras. — Dá-me.

Quem era? Ela espreitou pelas folhas verde-escuras.

Uma mão enluvada encostou uma navalha contra a garganta do homem da capa.

— Agora! — disse o recém-chegado. Ele estava todo vestido de preto e tinha uma máscara preta e dourada a tapar-lhe o rosto, como se estivesse a caminho dos festejos desta noite no palácio.

O primeiro homem não falou. Acotovelou o seu atacante nas costelas e tentou soltar-se. A Milla teve um vislumbre rápido de uma estranha tatuagem gravada no interior do seu pulso: um círculo e algo que se parecia com um pássaro.

O estranho mascarado era mais rápido. A sua navalha espetou-se no pescoço do homem. Um fino fio de sangue escorreu pela lâmina.

A Milla recompôs-se, preparando-se para baloiçar para baixo com os pés — com força suficiente, era provável que ela os conseguisse derrubar aos dois —, quando ouviu a voz do senhor da casa ao longe, alta e raivosa:

— ... e a minha filha sabe muito bem que nos esperam no palácio ao pôr do sol...

Ela agarrou o ramo com tanta força que os nós dos dedos ficaram pálidos. Devia mexer-se. Agora. Contudo, nenhuma parte do seu corpo lhe obedeceu.

— Amo, deixe-me ir procurar a *Lady* Tarya enquanto vai ter com... — As palavras da Lanys pararam abruptamente. Ela e o Nestan deviam ter chegado ao arco da entrada para o pátio.

A FILHA DO DRAGÃO

A Milla ouviu o sussurro do aço quando o Nestan desembainhou a sua espada. As suas lesões de guerra podiam torná-lo um pouco mais lento, mas a Milla não apostaria contra o Nestan num combate. Ela esticou o pescoço, tentando ver através das folhas.

O homem mascarado virou-se para os enfrentar, puxando o corpo inerte do outro consigo.

O primeiro homem conseguiu dizer de forma ofegante contra a lâmina:

— Nunca!

Foi a sua última palavra.

A seguir, a Milla sentiu-se grata por eles se terem virado de costas para ela.

Ela ainda viu os repentinos salpicos escarlates contra um vaso de terracota. Ouviu o baque pesado quando o corpo bateu no chão. Viu uma mancha negra quando o assassino fugiu.

A Lanys gritou estridentemente, chamando a atenção dos guardas no pátio da cozinha.

— Apanhem-no! Um homem de preto, mascarado, com uma navalha! — O Nestan berrou o alarme e desceu a escadaria da casa a correr. — Depressa! Ele vai fugir.

A Milla ouviu o barulho de botas quando os guardas da casa saíram rapidamente a correr do portão em perseguição. Ela ouviu o Nestan a aproximar-se, o arranhar metálico da sua lâmina a ser embainhada.

A Milla tinha os olhos fechados com força. Agarrou-se ao seu ramo, concentrando-se apenas em respirar e em tentar não vomitar, algo que exigia toda a sua atenção. Ela tinha visto muitas rixas nas docas e pessoas da cidade a serem arrastadas pelos soldados do duque. Porém, nunca tinha visto alguém ser

morto. Ela podia ter impedido isto. Porque é que ela não agira quando tivera oportunidade? Ela tinha-se escondido, como um rato. Agora, um homem estava morto.

Ela abriu os olhos e deu um longo, lento e trémulo suspiro.

— Ele sabia — disse o Nestan, como que para si mesmo.

A Milla observou-o entre os espaços nas folhas.

Ele fitava a crescente poça carmim aos seus pés, virando incessantemente uma moeda entre os seus dedos e o polegar.

— Ele sabia que devia enviar esta moeda para eu vir. Agora, não saberemos que mensagem valeu a sua morte.

— Ele-ele-ele sabia a senha — gaguejou a Lanys, lentamente.

— Foi por isso... foi por isso que eu destranquei os portões. — Ela dobrou-se para a frente, o seu cabelo castanho-arruivado a brilhar ao sol, enquanto se deixava cair de joelhos, com as mãos a voarem-lhe para a cara como pombas assustadas. — Eu não sei como é que o homem mascarado passou... — sussurrou ela. — Lamento muito.

— Sim, esse é o verdadeiro mistério. O assassino sabia exatamente quando é que os meus guardas fariam a sua pausa hoje. *Será que...* — A voz do Nestan esmoreceu.

A Milla era uma criada leal: ela devia dizer ao seu amo aquilo que o estranho tinha escondido na árvore. Algo pelo qual valia a pena matar. Algo pelo qual valia a pena morrer. Mas, por uma vez, ficou sem palavras. A sua boca estava seca e amarga do choque e o seu estômago dava voltas. Ela ficou ali sentada, a tremer, pendurada nos ramos.

Um dos guardas que saíra em perseguição regressou ao pátio.

— Perdemo-lo, senhor. Naquela multidão não tivemos sequer hipótese.

Como era esperto o assassino! Esta noite, realizava-se o Baile de Cinquenta Anos do duque: as ruas estavam cheias com os foliões da cidade, todos a usar os seus melhores trajes, além de máscaras. A Milla apercebeu-se de que seria impossível voltar a encontrar aquele homem.

O Nestan parou abruptamente com as suas divagações, estalando os dedos para a Lanys e para o guarda:

— Limpem isto antes que os gémeos vejam. Dupliquem os guardas no portão. — Ele afastou-se a coxear, enquanto gritava: — Onde estão os meus filhos? Isak? Alguém viu a *Lady Tarya*?

A Lanys levantou-se e foi a cambalear atrás do amo, desaparecendo os dois no interior fresco da casa. O guarda dobrou-se para baixo e levantou o corpo do homem da capa pelos braços, arrastando-o e deixando uma vívida mancha escarlate no chão de pedra.

Como é que o baile do duque podia ser mais importante do que a vida de um homem, colhida diante dos olhos deles? A Milla sentiu-se zozna.

O estranho cesto estava ali pendurado, a cintilar. Chamava por ela, como uma melodia doce e tentadora. Ela tocou na seda com um dedo trémulo. Não o levaria para baixo; não agora com a casa em rebuliço: a Lanys tirar-lho-ia de imediato.

— Eu venho buscar-te mais tarde — disse ela, e saltou da árvore. Com as pernas fracas, cambaleou e depois recompôs-se, pestanejando para afastar as estrelas da sua visão.

Durante um longo momento, olhou para o sangue, fitou-o diretamente para servir de testemunha. Isto era real. Tinha acontecido. E ela perguntava-se quem assinalaria a morte deste estranho. Quando a náusea subiu de novo, a Milla sentiu a

pequenez da sua vida, com as suas tarefas a abaterem-se sobre ela como uma armadilha.

Ela fez a única coisa que estava ao seu alcance.

— Lamento muito. Prometo que vou cuidar do teu saco — sussurrou ela para o sangue derramado do homem.

A seguir, correu para avisar os gémeos de que tinham de se despachar.



CAPÍTULO DOIS

UM OLHAR PARA OS MARES DO POENTE mostrou à Milla que ela não tinha muito tempo. O sol que se punha roubara a cor ao mar até este ficar de um azul tão pálido como o ovo de um melro.

Se os gémeos chegassem atrasados ao baile do duque... Se o Nestan pensasse que a culpa era toda dela... A Milla correu, com as suas pernas ainda a tremer. Precipitou-se pelo chão polido da divisão preferida do senhor da casa, com enormes janelas arqueadas viradas para sudoeste, para o Nestan poder ver os seus navios e armazéns lá em baixo.

A Lanys carregava um imenso jarro de água e uma mão cheia de trapos para o exterior da casa. O seu rosto, branco como leite coalhado, espelhava o choque da Milla.

— Onde é que *tu* andaste? — irritou-se a Lanys, com mais veneno do que era hábito. — Os gémeos têm de se arranjar, mas eu tenho um trabalho urgente para o amo, por isso, é melhor

apressares-te. — Mesmo no meio do horror, a Lanys conseguia transformar isto numa competição. — Recorda-me outra vez, porque é que ele te mantém cá?

— Estou precisamente à procura dos gémeos! — A Milla estava habituada a ignorar a mesquinhez dela. O seu estômago deu uma volta quando se apercebeu de que tarefa a Lanys fora incumbida. — Viste-os?

— Olha, pensava que o Isak estava no campo de treino. — A Lanys inclinou a cabeça, à escuta. — Mas então, com quem é que o amo está a gritar lá em cima...?

A Milla não esperou que ela terminasse. Correu pela casa, subindo dois degraus de cada vez, atrás do som de vozes alteradas. Espalmou-se contra a parede exterior do quarto do Isak e espreitou pela porta aberta.

— E dizes-me isto agora? — A voz do Isak estava quase irreconhecível. Rouca, com lágrimas contidas. — Não podes simplesmente...

A Milla ouviu o Isak a engolir um soluço. Estaria ele a chorar por causa do homem morto? Ela esgueirou-se para mais perto.

O Isak estava junto à janela, de costas viradas para o pai, tenso e curvado. A sua respiração ainda estava ofegante depois de ter estado doente no ano anterior, e os seus óculos escorregavam para o lado. Ele tirou-os: dois círculos de vidro, ligados por um arame, que assentavam no seu nariz. O Nestan tinha trazido este raro artefacto de uma longa viagem, e o Isak usava-os sempre. Ela viu-o engolir o seu remédio do frasquinho de vidro, esfregar a cara com os nós dos dedos e voltar a colocar os seus óculos.

Com o coração ainda sobressaltado, a Milla optou por fazer aquilo que sabia fazer melhor: escutou.

— Estás melhor? — perguntou o Nestan ao examinar de longe o filho, cuja respiração ofegante se tornava cada vez mais regular. — Mas eu disse-te assim que ficou combinado. E sim, *posso*. É essa a questão. — A voz do Nestan subiu de tom. Ele esticou-se, como que para agarrar o braço do Isak. A seguir, mudou de ideias e esfregou as mãos sobre a sua barba.

A Milla sentiu-se subitamente fria, mesmo no corredor abafado, e enrolou os braços à volta do corpo. O que tinha combinado ele? Algo tão importante que abalava até o próprio Nestan, que conseguia olhar para um homem morto com uma calma desapegada. Os pensamentos dela regressaram ao homem assassinado, ao seu saco misterioso. Ela visualizou-o, ali pendurado, à sua espera. Afastou os seus pensamentos, apanhando o final das palavras seguintes do Nestan.

— ... quero dar-te aquilo que eu não tive. Aquilo pelo qual tive de trabalhar. Porque é que não compreendes?

— Talvez porque não sou como tu? — As frases do Isak eram ofegantes. — Porque eu quero algo diferente? E tu saberias isso se te desses ao trabalho de falar comigo.

A Milla estremeceu, mas era verdade. O Nestan ou estava a viajar ou estava atarefado com o trabalho, e raramente procurava qualquer um dos gémeos. A mãe deles, Vianna, tinha morrido há dez anos. Desde então, eles tinham ficado mais à solta do que quaisquer outros filhos de mercadores, até o Nestan ter finalmente reparado e imposto um novo regime de aulas que ambos odiavam.

— Como é que eu acabei com um filho tão mimado? Não vês a sorte que tens? Não é um castigo, Isak! — rugiu o Nestan para o filho.

— De certeza? É exatamente isso que parece. Um castigo por não ser o filho que tu querias! — O Isak virou-se, em contraluz, o que impediu a Milla de ver a sua expressão. — Eu vejo o modo como tu olhas para nós: um filho doente, uma filha destemida. É como se quisesses trocar-nos.

O Nestan arquejou, como se tivesse levado uma bofetada.

A Milla cobriu a boca com dedos pegajosos para não arquejar também. O Isak nunca gritava. Ele era calado. Sarcástico. Engraçado. Bondoso. Ouvir a sua voz alterada só acrescentava ao horror e irrealidade daquele dia.

O pai e o filho ficaram frente a frente, a um palmo de distância. Aos 13 anos, o Isak era quase tão alto como o Nestan.

— E quando contares à Tarya o que planeaste para *ela*, verás que sentirá exatamente o mesmo. Nós já não somos crianças. Não somos as tuas galinhas de estimação para procriar ou negociar. É melhor teres cuidado, pai. Ou uma destas manhãs poderás descobrir que abandonámos o ninho.

Não, não, não! A Tarya e o Isak não podiam abandonar o ninho! Do que estava ele a falar? A Milla abanou a cabeça, tentando, sem sorte, encaixar os fragmentos da discussão.

— Estás a ameaçar-me? — A voz do Nestan ficou grave. Ele aproximou-se ainda mais do Isak e uma mão moveu-se de novo para a espada que trazia à cintura.

— Não posso acreditar. — O Isak abanou a cabeça em repulsa. — O quê, vais erguer a tua espada contra mim? Todos sabemos quanto bem isso funciona nesta cidade. — A sua voz transbordava amargura. — Tu já nem sequer és um soldado. Só temos a tua palavra de que alguma vez foste. Provavelmente, magoaste a tua perna quando caíste bêbedo à porta de uma taberna.

A FILHA DO DRAGÃO

O Nestan fitou-o.

— Olha, esquece. Vou-me embora.

— Não podes. Estão à nossa espera no palácio. Tu sabes o que isto significa... Não podes arriscar!

O Isak passou de raspão pelo pai e saiu a passos largos do quarto. A Milla pôs a mão na manga dele e sussurrou:

— Espera!

No entanto, ele correu pelas escadas abaixo sem uma palavra, deixando-a a tentar agarrá-lo.

Um ruído fez com que a Milla se virasse. Ela viu o Nestan cambalear para trás, como se tivesse sido golpeado, e sentar-se na cadeira do Isak. Ele agarrou a sua perna esquerda com as duas mãos, silvando enquanto aliviava a forte câibra da sua velha ferida.

A Milla desceu os degraus a correr atrás do Isak. Não havia sinal dele. Em vez disso, a Lanys estava ali, de olhos arregalados, agora a verter água tingida de vermelho do jarro e dos trapos manchados.

— O que se passa? O que fizeste agora?

— Para onde foi ele? — perguntou a Milla bruscamente. Chegou-lhe o cheiro a água ensanguentada, provocando-lhe náuseas. Ela lutou para não vomitar ali mesmo.

— Saiu. — A Lanys apontou para os portões principais onde agora estavam quatro guardas em fila. — Mas...?

A Milla não tinha tempo para explicar. Em vez de ir atrás dele, virou e tomou um atalho pela cozinha, o que fez a Josi, a cozinheira, praguejar como um marinheiro.

— Desculpa, Josi — disse a Milla, ofegante. — Conto-te mais tarde! — Ela queria atirar os braços para a cintura da Josi e soluçar tudo o que tinha visto e ouvido na última hora. Ela ainda

via a imagem do homem morto na sua mente: a poça de sangue espesso e vermelho a espalhar-se e a espalhar-se e a espalhar-se.

Em vez disso, ordenou aos seus pés que continuassem a mover-se, atravessou o pátio da cozinha, saltando sobre o *Skalla*, o enorme gato da cozinha, e ignorando-o quando este bufou. As galinhas dispersaram-se quando ela apareceu, repreendendo-a com cacarejos indignados. Os pomares estendiam-se para poente junto a socalcos inclinados e as cabras aí presas pararam de pastar durante tempo suficiente para a fulminarem com os seus olhos amarelos. A Milla usou uma oliveira nodosa e ancestral como escada para trepar o muro do campo de treino. Ela já sabia que não devia abrir o portão sem avisar — perdiam-se dedos assim.

A Milla parou para recuperar o fôlego. A imagem do homem morto surgiu novamente diante dela e, desta vez, a onda de náuseas ganhou. Ela virou-se e vomitou pelo muro do campo de treino. A seguir, cuspiu com força, ofegante, e limpou a boca à manga da túnica. Ela esperou que ninguém reparasse na mancha com borões cor de laranja, e depois concentrou-se de novo na sua tarefa.

Duas pessoas lutavam no pátio murado. As suas espadas assobiavam e chocavam; os seus pés dançavam e raspavam na terra arenosa. Ambas usavam elmos e fatos de couro para treinar, que cobriam os seus peitos e coxas. O Richal Finn, o chefe da guarda do Nestan, travava um duelo com o seu aluno mais bem treinado. O aluno era quase tão bom como o Finn. A Milla sabia porque fora convencida a fazer de parceira de duelo quando o Finn não estava disponível. Tinha nódoas negras para o provar. Ela viu os golpes do Finn a serem bloqueados, evitados e retribuídos.

A Milla fez um pequeno gesto com uma mão, inclinando a cabeça para trás para chamar a atenção do Finn e lembrá-lo daquilo que o seu aluno devia estar a fazer neste momento. Resultou.

O Finn semicerrou os olhos, concentrando-se. Viu a sua oportunidade e aproveitou-a, atacando depressa e tirando a espada do seu oponente com a dele, fazendo-a chocar no muro de pedra.

— Por hoje, chega — disse ele. — O amo precisa de mim. Meu *Senhor*. — Ele tirou o seu elmo, revelando um escalpe bronzeado e a perder cabelo, e fez uma vénia breve antes de passar pelo seu pupilo. Olhou para cima enquanto saía e fixou os olhos da Milla com o seu intenso olhar azul. Ele parecia estar a avaliá-la, a verificar alguma coisa.

A Milla acenou para lhe agradecer. O Finn não era tolo nenhum. Ele ensinava os dois gémeos há mais de dez anos. Sabia exatamente o que se passava aqui. O novo regime de aulas só permitia que o Isak aprendesse a lutar. Por esse motivo, por lealdade e afeto pelos gémeos, o Finn mantinha a fachada de que só estava a ensinar o Isak. Se o Nestan o confrontasse, ele podia sempre dizer que não estava a par da verdade.

O Finn acenou de volta e saiu.

— O quê? Mas ainda agora começámos, Finn! Chegaste tarde! — disse o seu aluno, de braços abertos, desconcertado com o final abrupto da sessão. A figura com o elmo viu a Milla, agachada no muro como um gato. — O que fazes aí em cima, Milla?

— Está na hora, temos de nos despachar! — A Milla saltou para o pátio e começou a desapertar a armadura de couro. Concentrar-se ajudava-a a sentir-se mais calma. Ela quase

conseguia ignorar o tremor das suas pernas. Quase conseguia ignorar o modo como o saco de seda chamava por ela.

— Eu devia estar a vestir-te para o baile! O que fazes aqui, logo hoje?

O guerreiro levantou o elmo de couro, libertando uma massa de caracóis louros desgrenhados que emolduravam o lindo rosto da Tarya Thorsen, vestida como o seu irmão Isak.

— Desculpa, eu sei como o dia de hoje é importante... sei mesmo! Só perdi a noção do tempo. Não queria causar-te problemas, mas se tenho de me comportar como uma donzela perfeita a noite toda, preciso de extravasar primeiro. Agora, podes vestir-me com pérolas e sedas e eu prometo que me porto bem!

— A questão é que o Isak fugiu. Ele estava a gritar com o teu pai.

— O Isak? Tens a certeza? — perguntou a Tarya. E depois, mais suavemente, perguntou: — Ei, o que se passa? Estás com um aspeto terrível.

— Nada — mentiu a Milla, atrapalhando-se com uma fivela perra. Não havia tempo para isto. Além disso, ela sussurrara uma promessa para o sangue do homem morto. Na sua opinião, as promessas não podiam ser quebradas.

— Está bem, mas deixa a armadura, eu consigo correr com ela. Temos de nos despachar se quisermos encontrar o Isak a tempo.



CAPÍTULO TRÊS

— **R**ATOS NO PORÃO! — PRAGUEJOU a Tarya. — Porquê agora? O meu irmão sempre soube escolher bem o momento!

Obstinada era a palavra usada pelo Nestan para descrever a sua filha. *Teimosa* era o que o Isak chamava à sua gémea. *Arrebatadora* era o que os criados se atreveriam a dizer, enquanto reviravam os olhos. A Milla escolheria palavras diferentes: diria *leal*. Diria *corajosa*.

Os olhos da Tarya eram tão azuis como o céu que escurecia por cima delas, quando verificou quão tarde era.

— O sítio do costume, talvez?

A Milla acenou com a cabeça. Ambas sabiam que o Isak estava mais feliz a bordo de um navio ou, tirando isso, no porto.

— Consigo chegar lá e voltar antes do pôr do sol. Talvez. Se não chegarmos a tempo da estúpida cerimónia do duque, ficaremos todos na lista negra.

— Tu não vais — disse a Milla. — Eu vou. Tu tens de te arranjar: coloquei o vestido de seda rosa na tua cama. — A ideia de correr até ao porto e voltar fê-la oscilar de exaustão, mas cerrou os dentes. — Além disso, haverá patrulhas. Tu não conheces todos os atalhos. — A Milla conhecia as ruas serpenteantes de Arcosi como um gato, todos os becos e caminhos secretos.

— Não, eu vou! — disse a Tarya. — Ele é o meu gémeo. É a reputação da minha família que está em jogo. Além disso, estás a tremer como varas verdes e vomitaste na túnica. Estás doente?

— Estou bem, e isso é apenas laranja — mentiu a Milla, de novo. Ela não queria ficar em casa esta noite. Endireitou-se, desejando que as suas pernas parassem de tremer.

— Está bem — bufou a Tarya. — Não me digas o que se passa! Mas pelo menos deixa-me ir contigo. Eu e a minha amiga lâmina? — Ela tocou no punho da sua espada, com as sobran celhas levantadas. Ela ainda vibrava com a energia da sua luta inacabada com o Finn.

— Está bem — ecoou a Milla. — Segue-me. — Ela guiou a Tarya de volta para o muro do campo de treino, contornou a casa e mostrou-lhe as pedras salientes que as fariam descer dois andares até à rua seguinte. — Mas temos de ir pelo caminho rápido.

— Como é que eu não conhecia esta entrada secreta para a minha própria casa? — perguntou a Tarya, indo atrás da Milla.

Costumava ser uma descida fácil, mas as pernas da Milla ainda tremiam ligeiramente e o seu pé esquerdo escorregou, deixando-a pendurada pelas pontas dos dedos.

— Agora já conheces. Anda, temos de correr. — Deixou-se cair, aterrando com leveza e precipitando-se para a frente na ruela estreita.

A Milla escolheu as rotas secundárias e sombrias. Sem o elmo do Isak, a Tarya era demasiado reconhecível como a filha do seu pai. Quase metade da cidade tinha trabalhado para o Nestan em algum momento, e ele tinha amigos leais em todos os bairros que as poderiam confrontar agora e perguntar porque é que a Tarya se dirigia na direção oposta ao palácio.

— Espera! — exclamou a Milla quando se aproximaram da rua principal que circundava a ilha como uma serpente enrolada. — Temos de atravessar aqui. — Pegou na mão da Tarya e começaram a descer pela larga estrada pavimentada. Juntaram-se às pessoas que envergavam as suas melhores roupas: algumas iam para o baile no palácio, outras para a festa de rua nas docas.

— Não há problema. Temos todo o direito de ir dar um passeio — exclamou a Tarya, atirando a cabeça para trás. — Somos duas amigas que saíram para apanhar o ar fresco da tarde... Que mal tem isso?

A Milla olhou de relance para a sua amiga. A Tarya acreditava mesmo naquilo? Manteve-se calada e esperou que a ilusão feliz da Tarya não estivesse prestes a ser dilacerada.

A voz de um homem gritou as palavras que a Milla temia:

— Patrulha! Afastem-se.

O ruído de pés a marchar ecoou pelas paredes das casas que ladeavam a estrada.

A Milla atirou-se para trás contra a parede, puxando a Tarya consigo, e encolhendo bem os braços e os pés. Ao lado dela, uma jovem mãe correu para a frente e arrastou a sua filha pequenina para fora da estrada, apertando-a com força contra o peito e ralhando, aliviada:

— Nunca mais te afastes assim. Se vires soldados, ficas perto de mim, percebido?

A menina começou a chorar ruidosamente.

Os soldados marcharam na direção delas sem alterarem o seu ritmo, ajustando a sua passada à colina íngreme. Olhavam inabalavelmente em frente, em silêncio, à exceção do baque das suas botas e do tinido metálico de espadas e escudos. A Milla fitou os soldados que se aproximavam, tentando vê-los como indivíduos. Ela sabia que eles eram apenas pessoas — aquele jovem rapaz com um escaldão no pescoço, aquele homem mais velho, entroncado e com a barba cerrada —, mas naquele grande grupo pareciam outra coisa: algo mais poderoso e aterrador do que homens comuns.

Já estavam muito perto. Era só mais um instante; no instante seguinte, teriam passado. Desde que ninguém se mexesse ou lhes desse motivos para...

— Alto! — ordenou o capitão. — Formação de controlo. — Os homens pararam como se fossem um só. Viraram-se, deram um passo para o lado, pararam de novo, bloqueando a rua mesmo por cima deles. — Cidadãos! Mostrem os vossos documentos!

A Milla praguejou entredentes, dizendo uma oração apressada a pedir inspiração. Elas estavam encurraladas, a menos que ela conseguisse encontrar uma saída rapidamente.

A mulher ao lado dela suspirou e procurou debaixo da sua capa:

— Outra vez! É a terceira vez hoje. Como se eu tivesse tido tempo para pôr um pé fora do lugar quando eles nos controlam constantemente.

Os soldados atuavam como uma barreira humana, varrendo lentamente a rua principal, verificando os documentos à sua

passagem, incitando cada pessoa a provar o seu nome, morada e origens familiares.

— O que fazemos? Eu não trouxe os meus documentos — disse a Tarya num tom sibilante, segurando no punho da sua espada. — Eu não sabia que ia sair de casa. Se formos presas agora, nunca chegaremos ao baile e de certeza que a minha família ficará na lista negra.

— Norlandeses na lista negra? Nunca... — disse a Milla, rogando pragas a si mesma por ter saído com tanta pressa. Ela nunca se esquecia dos documentos.

— Acontece! — disse a Tarya. — A família da minha amiga Anna perdeu tudo.

— Soltem-me! Deixem-me ir. Eu não fiz nada de mal — protestou um jovem, enquanto dois soldados o agarravam pelos braços. Ele parecia pouco mais velho do que o Isak, com um cabelo castanho-escuro desgrenhado que lhe caía sobre os olhos.

— Não tens uma prova de identidade? Como bem sabes, isso é um delito segundo a lei do duque. Senhor. — O capitão acrescentou esta última palavra como uma provocação.

— Estavam no meu bolso. Devem ter caído... — O jovem começou a implorar quando se apercebeu do que isto significava. — Eu posso mostrar-vos onde moro. Podem perguntar aos meus pais! Eles não têm dinheiro para pagar a fiança para me soltar. *Por favor!*

— Levem-no. — O capitão nem sequer olhou enquanto os seus homens arrastavam o rapaz, que se debatia e protestava a sua inocência. Já se tinha virado para o próximo cidadão aterrorizado, com a mão estendida para receber os documentos.

A Milla olhou por cima do ombro da mulher. Só havia mais quatro pessoas para verificar antes de os soldados as alcançarem. Ela olhou em todas as direções, procurando uma rota de fuga. Ali! Entre as casas! Havia um espacinho minúsculo, apenas suficientemente grande para passar. Não era a primeira vez que a Milla abençoava os habitantes originais de Arcosi, que tinham coberto a cidade com segredos de contrabandistas e passagens escondidas.

— Por aqui! — A Milla agarrou no braço da Tarya e puxou-a para trás, para o espaço onde uma ruela pequenina ziguezagueava sobre si própria, levando a um lanço íngreme de escadas de pedra, esmagado entre as casas. — Se formos rápidas, conseguimos chegar antes da patrulha e contorná-la no caminho de volta. — Os pés dela bateram nos degraus gastos e elas voaram para baixo, saindo disparadas junto ao porto.

— Ali está ele! — A Tarya ultrapassou a Milla com um último arranque de velocidade.

Tal como elas tinham previsto, o Isak estava encostado ao muro do porto, a fitar a mais recente embarcação ancorada à sua frente: uma esbelta escuna de dois mastros, ainda a ser descarregada. Gaivotas arranhavam e guinchavam sobre um barril de resíduos de peixe despejado das bancas do mercado que ladeava o cais.

— O que pensas que estás a fazer, Isak? — A Tarya não perdeu tempo com cumprimentos. A sua raiva fundiu-se em preocupação quando ele não respondeu. — Ei, o que se passa? Estás bem?

O Isak virou-se e olhou para a irmã de cima a baixo, com o pôr do sol refletido nos seus óculos.

A FILHA DO DRAGÃO

— E tu estás vestida como o quê, exatamente? Espantalho guerreiro? Sem dúvida que darás nas vistas no baile do duque.

Atrás do Isak, os braços protetores do muro do porto mantinham dezenas de embarcações a salvo: a frota de barcos pesqueiros de Arcosi e os navios mercantes. Através dos portões do porto, a Milla viu a última réstia brilhante de sol cair abaixo da linha do horizonte como uma moeda a entrar num bolso.

— O sol está a pôr-se. Depressa! — exclamou o Isak.

— Ah, então não te esqueceste? — disse a Tarya, passando as duas mãos pelos seus caracóis e sacudindo as folhas secas e os ramos que aí encontrou. — É que eu não passei o mês todo a praticar passos de dança e a ajudar-te a aprender o teu juramento para nada. Agora, despacha-te, ou vamos chegar atrasados e teremos de passar o resto das nossas vidas miseráveis a lamentar termos insultado o duque.

— Desde quando é que te importas tanto? — retorquiu o Isak.
— O que ganhas com isso? Não te tenho visto a cumprir regras nenhuma ultimamente, a menos que te dê jeito...

— Parem! O que se passa convosco? — A Milla colocou-se entre os gémeos. Eles não faziam isto. Eles ficavam do lado um do outro. Sempre. Ela tinha vontade de lhes contar tudo o que tinha visto, mas eles já estavam suficientemente agitados e o tempo escasseava. — Olhem! O sol está a pôr-se. Não temos tempo para isto!

— Estou a ir — disse o Isak. — Muito bem, pequenas pastorinhas...

Aquele comentário doía.

— Nós não tínhamos de vir atrás de ti.

— Desculpa — murmurou o Isak, sem a olhar nos olhos.

A Tarya agarrou na mão do seu irmão.

— Fica perto de mim. — Ela virou-se e começou a avançar em direção às escadas dos contrabandistas. — Há uma patrulha a vir para aqui que acho melhor evitarmos.

Enquanto corria atrás deles, passando pelo navio recentemente ancorado, a Milla parou, e depois puxou pelo braço de um dos rapazes que descarregava caixotes.

— Ei, trouxeste algum passageiro? — sussurrou ela. — Um velhote com uma capa azul-escura que transportava um grande saco de seda?

— Sim, fico feliz por ver esses dois pelas costas. Deram azar. Trouxeram um vento de leste. Não é de espantar, estavam assustadiços como gatos durante toda a travessia — murmurou o rapaz de volta, afastando-se dela.

Esses dois?, interrogou-se a Milla. Com quem é que o homem assassinado viajara? E onde estava essa pessoa agora?



CAPÍTULO QUATRO

A MILLA GUIOU OS GÊMEOS ATÉ CASA usando as escadas dos contrabandistas, e apressou-os a subir para trocarem de roupa. O Nestan andava

de um lado para o outro junto aos portões da entrada, apoiado numa bengala ricamente entalhada, com um pomo de prata. Virou-se quando a Milla e os gémeos apareceram, envergando os seus melhores trajes. O Finn estava à espera junto à parede, usando o traje formal de um maceiro, com o seu cabelo cortado a reluzir, como se tivesse acabado de enfiar a cabeça no poço.

— E onde estiveram, exatamente? — perguntou o Nestan baixinho.

A Milla conhecia aquele tom. Ninguém respondeu. No andar superior, ficaram os três muito quietos, a agarrar as suas máscaras e a tentar acalmar a respiração.

O olhar avaliador do Nestan passou por cada um deles, à vez. A Tarya usava o seu melhor vestido de seda cor-de-rosa.

A Milla domara apressadamente os caracóis louros da Tarya num coque elevado e ornamentado com um fio de missangas de vidro e, ao pescoço, prendera o colar de pérolas da mãe dela. O Isak mantinha-se rígido e resignado, bem-parecido, mas desconfortável na sua camisa de seda creme e fato formal, apertando um frasco de vidro do seu remédio num punho fechado.

A Milla endireitou o seu simples vestido roxo. Esta noite, até as aias tinham de estar o mais apresentáveis possível, por isso, ela pedira emprestado um dos vestidos antigos da Tarya. Era a melhor roupa que ela alguma vez tinha vestido, com sapatos a condizer que não eram do seu tamanho. Os seus dedos detiveram-se cobiçosamente sobre o tecido sedoso.

A Milla observou o Nestan discretamente, rezando para que todos passassem na sua inspeção. O Isak e a Tarya tinham de estar presentes no baile. A Milla não. Com um estalar de dedos, ele podia levar a Lanys em vez dela.

A Lanys adoraria isso. Ela estava sempre a namoriscar com o Richal Finn.

— Estás bonita, Tarya — disse o Nestan, por fim. — As pérolas ficam-te bem.

O Isak endireitou-se, à espera das palavras de aprovação.

— Isak? Não nos desonres.

Ao lado dela, a Milla sentiu-o encolher os ombros, desiludido.

— A tua confiança em mim é *tão* reconfortante — murmurou o Isak entredentes.

— Chiu — sussurrou a Tarya de volta. — Não foi sentido.

— Pareceu. — O rosto do Isak estava franzido e infeliz, mas o Nestan não pareceu reparar. O seu maxilar de barba grisalha estava cerrado. Usava a sua espada habitual à cintura,

além de uma lâmina suplente não tão habitual, que formava uma ligeira protuberância debaixo da sua melhor capa de veludo cor de meia-noite.

Ao ver o Nestan vestido para problemas, o estômago vazio da Milla deu outra volta. Contudo, se ele tinha decidido não preocupar os gémeos esta noite ao contar-lhes do assassinato, ela tinha de ser suficientemente corajosa para lhe seguir o exemplo.

Os seus dedos voaram para a medalha de ouro que trazia à volta do pescoço, como sempre acontecia quando estava ansiosa. Era a sua única posse. A Milla passou o dedo pelo contorno de um dragão em voo sob uma lua cheia, gravado no metal gasto.

— Estamos atrasados — disse o Nestan irritado, virando-se.

Eles tinham passado na inspeção! A Milla ia realmente ao palácio. Um sorriso dançou nos seus lábios, apenas para desaparecer quando se lembrou do homem morto. Ela prometeu que se manteria perto dos gémeos naquela noite e que, por eles, ficaria atenta.

— Pronto? — A Tarya dançou pelos degraus, pegou no braço livre do pai e apertou-o, disfarçando a sua falta de ar como excitação.

— Já estou pronto há algum tempo — disse ele, secamente. — Agora, ponham as vossas máscaras e vamos! — O Nestan fez sinal para os guardas abrirem os portões.

Estava escuro e a lua estava baixa sobre o horizonte: quase cheia e redonda como uma pérola. Esta noite, eles não precisavam de lanternas: toda a cidade estava acesa como um bolo de aniversário, com faróis, tochas e fogueiras, desde as casas mais pobres, construídas na parte mais baixa junto ao mar, ao palácio

dos quatro ventos, bem no topo de Arcosi. A Milla olhou de relance para as ruas repletas de luz, perguntando-se onde estavam os seus outros amigos agora. Imaginava que estivessem reunidos nas docas. O Thom estaria empoleirado, em antecipação, no muro do porto, à espera dos fogos de artifício. A Rosa fizera bolinhos de especiarias e planeava *pedir emprestada* uma garrafa de vinho doce de Sartola da banca dos pais para a festa de rua.

E a Milla estava aqui, a juntar-se à multidão composta pelas famílias mais importantes de Arcosi, todas vestidas com as suas melhores sedas e veludos, transbordando de joias e ouro, e a usar máscaras com lantejoulas e penas. Os seus olhos moviam-se de um lado para o outro, quase que ficava zozza com tantos brilhos e purpurinas. Não tardou até tropeçar, o que lhe valeu uma valente dor no calcanhar, lembrando-a de que ela era um pardal a tentar integrar-se entre pavões.

— Estás bem? — perguntou o Isak, apercebendo-se. — Aconteceu alguma coisa? — Ele ofereceu a sua mão à amiga, olhando para ela com uma preocupação meiga.

E se ela desabafasse tudo de vez? *Alguém foi morto, mesmo debaixo do meu nariz. Eu não o impedi e agora um homem morreu. Ele escondeu algo valioso e eu não contei ao teu pai.*

Ela não queria preocupá-lo. Ele tinha de estar calmo para desempenhar o seu papel no baile do duque.

— Não — disse ela suavemente, mas apoiou-se com gratidão no braço dele para não coxear, só durante alguns passos.

Uma corpulenta mulher norlandesa com um volumoso vestido de cetim vermelho fez uma careta intrigada sobre o ombro, com os olhos a moverem-se dos curtos caracóis pretos e da pele castanho-dourada da Milla para o vestido roxo — algo antiquado,

mas, ainda assim, de uma excelente qualidade — e para os seus sapatos emprestados.

A Milla sabia que se tinha transformado numa estranha criatura híbrida, que muitas vezes confundia os desconhecidos. Ao fazer companhia à Tarya, ela tinha aprendido um pouco de tudo: a lutar, a dançar, a falar como uma nobre, esticando as suas vogais no elegante estilo norlandês. Contudo, alguns julgariam sempre à primeira vista.

Agora, ela apercebia-se do olhar de desaprovação daquela mulher e preparava-se para o comentário inevitável.

— O duque vai deixar qualquer um entrar esta noite? — perguntou a mulher. — Pensei que seriam apenas norlandeses...

O Nestan não disse nada, mas colocou-se de forma muito deliberada entre a Milla e a mulher, bloqueando-lhe a vista.

Com as bochechas a arder, a Milla afastou-se rapidamente do Isak, apontando para a frente.

— Olhem! Chegámos.

As pessoas inclinavam as cabeças para trás, de boca aberta, com os olhos arregalados, espantadas com o tamanho da muralha de pedra lisa que se erguia sobre elas: uma vista diária que agora se tornava majestosa quando a viam de perto. A multidão caminhou, dez pessoas de cada vez, passando pela imponente entrada de pedra flanqueada por torres de vigia, que se arqueavam por cima das suas cabeças. A Milla examinou os convidados à sua volta, fitando cada homem vestido de preto que via, concentrando-se em cada máscara preta e dourada para ver se alguma delas era igual à do assassino do jardim. Era inútil. Havia demasiadas. Ela nunca reconheceria a certa e ele provavelmente mudara o seu disfarce há muito tempo.

Porém, ela não conseguia desconstrair sabendo que havia um assassino entre eles.

Dentro do recinto do palácio, a multidão tagarelava excitada, como o murmúrio de mil estorninhos.

— Venham, vocês os dois! Não é lindo? — A Tarya avançou e pegou nas mãos deles, puxando-os por avenidas largas, flanqueadas por tílias com lanternas de óleo penduradas nos seus ramos. Eles caminharam sob pérgulas elegantes revestidas de jasmim. De cada lado, havia roseirais decorativos e o ar quente da noite estava aromatizado pelo seu perfume.

— Oh, olhem, ali está! — A Milla apontou, deixando a cautela momentaneamente de lado. Iluminado com fiadas de lanternas, como estrelas cadentes, o palácio dos quatro ventos era mais bonito do que ela alguma vez imaginara.

O edifício principal era suportado por arcos de pedra, como o tórax de um enorme animal. Em cada canto, erguia-se uma torre alta, uma virada para norte, outra para este, outra para sul e outra para oeste, esticando-se para o céu noturno, com luz a derramar de dezenas de janelas. Um pátio de azulejos levava à escadaria do palácio, com a imagem embutida de um enorme dragão negro a cuspir fogo.

Ela parou, sem conseguir acreditar que estava mesmo aqui. Havia imagens de dragões por toda a cidade de Arcosi — em quase todos os lintéis de cada casa —, mas ela nunca tinha visto nada desta dimensão.

Foram todos conduzidos para o edifício ao lado do palácio.

— É o salão dos dragões dos antigos reis, só pode ser! — comentou o Isak, enquanto seguiam o Nestan e o Finn pelas enormes portas duplas. Franziu o nariz para manter os seus

óculos no lugar enquanto apreciava os altos tetos abobadados, cobertos de azulejos.

— É como um estábulo, mas para dragões? — perguntou a Tarya, olhando à sua volta com espanto.

— São os melhores estábulos que eu alguma vez vi — disse a Milla, com os olhos atraídos para os murais esmorecidos e para as tapeçarias antiquíssimas penduradas nas paredes curvadas. — Olhem! — Ela apontou para a tapeçaria mais próxima, onde se via um dragão em voo com uma cavaleira cujos longos cabelos negros voavam atrás de si.

— É uma mulher! — disse a Tarya, triunfantemente. — Parece que afinal acertaram em algumas coisas, fossem lá eles quem fossem...

— É apenas uma história... — O Isak parecia ter dúvidas.

— Eram reais! Viveram aqui mesmo, na nossa cidade. — A Milla conhecia as velhas baladas e lendas, tinha visto os pontos para apanhar sol construídos nas paredes em ruína da praça principal, mas isto era diferente, era uma prova viva. Ela desejou, pela centésima vez, ter vivido nessa época, na era dos dragões.

Olhou à sua volta, tentando imaginar dragões verdadeiros a viver ali, mas o salão dos dragões fora transformado num salão de baile. Esta noite, o salão estava aquecido por dezenas de braseiros em chamas, perfumado por lírios em altos vasos de cristal, e todo um lado da sala estava cheio de mesas carregadas de comida com um cheiro delicioso. Havia cabrito assado, azeitonas pretas brilhantes, saladas de cereais carnudos polvilhadas com romã, coentros e passas, peixe fumado, pães quentes acabados de sair do forno e aquilo de que ela mais

gostava: pêssegos assados, muito sumarentos. A Milla ficou com água na boca, recordando-se de há quanto tempo não comia.

Neste instante, uma fanfarra soou e um arauto clamou:

— Abram alas para Sua Graça, o Duque Olvar Refarson!

Os guardas apareceram primeiro, fila após fila, todos vestidos com o libré preto das cerimónias. A batida grave e sombria de pés em marcha encheu os ouvidos da Milla, afundando os seus pensamentos. Ela agarrou na mão da Tarya quando oscilou, perdendo repentinamente o equilíbrio.

Os guardas mantiveram-se em sentido, criando um caminho. Todos se viraram, expectantes.

A Milla pestanejou para afastar as tonturas, ansiosa para ver o duque de que tanto ouvira falar.

Três pessoas caminhavam entre as linhas dos guardas, atraindo todos os olhares: o duque, a duquesa e o seu filho.

O cabelo crespo e branco do duque estava espetado como uma coroa, tornando-o ainda mais alto. Ele sorriu e a Milla ouviu suspiros na multidão ao seu redor. O duque tinha os olhos do azul mais pálido que ela alguma vez vira e o seu rosto enrugado ainda era bem-parecido.

Eles subiram para uma pequena plataforma marcada com cordas douradas e iluminada por tochas flamejantes de bronze.

— Bem-vindos ao meu Baile de Cinquenta Anos. — O Duque Olvar parecia dourado, luminoso, no círculo de luz. Acenou para a multidão, como se todos fossem seus filhos, e não apenas o jovem alto e de cabelo escuro ao seu lado.

— Aquele deve ser o Vigo, o filho dele — sussurrou a Tarya para a Milla, atrás da sua mão.

— É assim tão bonito como dizem? — provocou a Milla. Era como se tivesse entrado numa história ou num sonho e estivesse finalmente a ver estas pessoas com os seus próprios olhos.

— Talvez. — A Tarya não parecia convencida.

— Hum, eu diria que sim — disse o Isak do outro lado dela, como se se tratasse de uma equação complicada por resolver.

Como se os ouvisse, o olhar curioso do Vigo recaiu sobre os gémeos. A Tarya e o Isak desataram a rir, com as cabeças juntas, enquanto o Nestan os mandava calar severamente.

Ao lado do Vigo, a sua mãe sorria afetuosamente para eles, ouvindo-os rir. Ela era popular na cidade baixa. Todos sabiam que a Duquesa Serina tinha a sua própria fortuna, que gastava em curandeiros e parteiras pela cidade. Até se dizia que ela própria fazia curas. A luz bruxuleante reluzia nas tranças lisas cor de ébano e no lírio branco que ela usava atrás de uma orelha. No seu vestido cor de laranja brilhante, a Serina era uma chama de cor no mar de uniformes negros que os rodeavam.

Um arauto avançou e aclarou a garganta nervosamente.

— Para assinalar a ocasião do seu quinquagésimo aniversário, Sua Graça será doravante conhecido como Primeiro Duque Dragão de Arcosi — anunciou ele.

— Duque Dragão?

— Ele disse *dragão*?

A multidão zumbia como um enxame de abelhas.

A Milla cravou as unhas nas palmas das mãos suadas, tentando resistir ao calor e a uma sensação vertiginosa e faminta que agora se apoderava dela. Era demasiado tarde. A visão da Milla começou a falhar no mar de pontos coloridos, e ela agarrou na mão da Tarya como se estivesse a afogar-se.



CAPÍTULO CINCO

— **M**ILLA! O QUE SE PASSA? —
A Tarya segurou-a. — Estás bem?

Ela não podia desmaiar ali, no baile do duque. Estava ali para ajudar a Tarya e não o contrário. A Milla combateu a tontura, dobrando-se e abanando a cabeça para dispersar a névoa.

— Eu estou bem — sussurrou ela para a Tarya. — Só estou com calor. — O seu rosto e pescoço estavam suados, o vestido roxo era demasiado pesado e húmido. Ela fez algumas respirações longas e profundas e obrigou-se a concentrar-se nas palavras do duque.

— Hoje não é apenas o meu aniversário — disse o duque. — Esta noite, comemoramos cinquenta anos em Arcosi. Cinquenta anos desde que os nossos pais e avós fugiram da fome e das pragas das Norlands e chegaram a salvo a estas costas. Cinquenta anos desde que as nossas preces foram atendidas

e encontrámos Arcosi à nossa espera. Arcosi: o nosso paraíso, vazio como uma nova concha à espera do caranguejo-eremita...

Todos conheciam a história. O conto de fadas de Arcosi.

A Tarya virou-se para a Milla e disse:

— Aposto que ele vai saltar as partes interessantes... sobretudo a maneira como a família dele acabou no palácio!

— Chiu! — disse a Milla, olhando em redor para se assegurar de que ninguém a tinha ouvido. Isso era conversa da cidade baixa, do tipo que podia levar à prisão. Todos sabiam que, há 50 anos, não havia duques naqueles navios dilacerados e fustigados pelo vento. Os antepassados do Duque Olvar apenas tinham sido os que falavam mais alto, lutavam melhor e tinham reivindicado o melhor da ilha abandonada para si.

— O que foi? Todos sabem que ele não é nobre, não como a duquesa — respondeu-lhe a Tarya. — Ela só teve de casar com ele para selar a paz.

— Não é a altura certa. Não é o local certo... — disse o Isak à sua gémea entre dentes cerrados. — Os guardas estão a olhar!

— E então? — repetiu a Tarya. — É a verdade!

A Milla voltou a apertar-lhe a mão, na esperança de que ela percebesse a mensagem. A linha entre ser destemida e imprudente era ténue, e ela estava habituada a que a Tarya a ultrapassasse, mas esta noite havia muita coisa em jogo.

O Nestan virou-se e fulminou os gémeos com o olhar, como um falcão na sua máscara escura.

— Nós voltámos a encher a antiga cidade de vida — dizia o duque. — E os nossos esforços foram abençoados. Os nossos navios multiplicam-se e prosperamos. Os nossos filhos crescem sem medo.

Alguns deles. A Milla sentia-se desconfortável a contradizer este duque áureo na sua cabeça, enquanto via a Tarya conter um bocejo.

— Para marcar este dia, do meu aniversário e do dia em que os nossos pais aqui chegaram, eu adotei o símbolo de Arcosi, a terra natal dos dragões.

Com essa palavra mágica, fez-se um silêncio total. A Milla conteve a respiração para escutar.

— Adoto como meu emblema esta imagem magnífica do passado da cidade. Os dragões morreram, tal com o antigo povo deste local, tendo perecido em mistério... — A cidade estava repleta de imagens dos dragões desaparecidos: esculturas, estátuas. Nenhuma das gravuras gastas pelo vento mostrava para onde eles tinham ido. — Nós lembramo-los. Nós honramo-los. Mas agora somos nós os filhos desta cidade. Somos os filhos do dragão. E eu sou o Duque Dragão.

Nesse instante, dezenas de trombetas ressoaram e atores surgiram, erguendo em mastros de madeira quatro enormes marionetas de papel em forma de dragões, acesas por dentro para parecerem estar vivas. A multidão lançava exclamações e murmúrios de admiração.

As cores eram deslumbrantes. Um dragão era azul como as penas de um pavão, outro era amarelo como a gema de um ovo, outro era vermelho como o sangue que a Milla vira ser derramado naquele dia, outro era verde como uma nova folha primaveril. Os dragões de papel esticaram as suas asas e dançaram à volta do duque num voo sinuoso e cheio de curvas, lançando sombras de dragões nas paredes altas. Ela reparou nos músculos salientes dos braços dos jovens marionetistas.

A FILHA DO DRAGÃO

Por fim, o duque bateu palmas e os dragões bailarinos pararam todos, pousando à sua volta.

— Por favor — ordenou o Olvar —, desfrutem do entretenimento, dos fogos de artifício. A seguir, receberei os juramentos de fidelidade dos jovens homens. Depois, convido-vos a comerem, beberem e dançarem, aqui, em minha casa. Esta noite, as minhas portas estão abertas ao povo de Arcosi!

A multidão parou. As pessoas sorriam, com as mãos erguidas, prestes a aplaudir.

Num piscar de olhos, um estranho ruído começou: um lamento agudo e cantarolado. Faria parte do espetáculo?

O sorriso largo desapareceu do rosto do duque.

— Tu *não és* o duque dragão — gritou uma voz de mulher, como um miado ruidoso de um gato na noite.

Quem estava a falar? A Milla olhou à sua volta, enquanto a multidão continha a respiração.

O duque fez sinal e os seus guardas saíram do lado dele, movendo-se em silêncio para encontrar a oradora oculta.

— Vocês são ladrões! Intrusos. Esta não é a vossa cidade!

Era como se tivessem sido todos transformados em pedra: todos aqueles nobres norlandeses.

— Fiquem com os vossos dragões de papel! É tudo o que alguma vez conhecerão.

Ficaram todos paralisados, à escuta.

— Nós somos os filhos dos dragões. Esta cidade era nossa... — A mulher falava com o mesmo sotaque enferrujado do homem assassinado. — O nosso povo foi escravizado. Ele morreu enquanto fugia. O nosso sangue está nesta pedra. Os nossos fantasmas assombram os vossos leitos. Não nos ouvem?

— Encontrem-na! — rugiu o duque. O seu rosto ficara mais pálido do que nunca, à exceção de uma mancha vermelha em cada bochecha.

A Milla avançou, ignorando os gémeos, para poder ver melhor. Ela viu quem estava a falar: uma mulher de idade, no meio da multidão.

A mulher abriu os braços e rodopiou no lugar, aparentemente sem medo. Tinha cabelos cinzentos com laivos prateados, apanhados num coque largo em cima da cabeça, revelando argolas de ouro nas orelhas. A sua pele era de um castanho vivo; o seu rosto estava desgastado como um pedaço de madeira que andara à deriva. A sua postura era orgulhosa e direita, mesmo quando os guardas se aproximavam, à sua procura.

A Milla viu a mesma tatuagem preta gravada no interior do seu braço que vira no homem da capa azul, antes de ele morrer. E o tecido da roupa desta mulher? Era exatamente igual ao do homem morto. Teriam viajado juntos naquele navio?

Enquanto os guardas acotovelavam os convidados para a alcançarem, a mulher falou mais depressa:

— Fomos arrancados daqui, mas eu regressei à minha casa. E não sou a única. Verão que os vossos dias estão a chegar ao fim...

O volume da sua voz aumentou, alto e bom som, para ninguém perder uma palavra:

— Estamos a regressar a casa. Os dragões de Arcosi regressarão! E *nunca* vos pertencerão!

A seguir, a mulher puxou um capuz sobre a cabeça e começou a mover-se para as traseiras do salão.

— Uma recompensa pela captura daquela mulher! — gritou o duque. — Para que lado foi ela?

A Milla viu os guardas procurarem e não disse nada.

Quando a mulher passou, o seu olhar cruzou-se com o da Milla. Os seus olhos castanhos, que eram pequenos e brilhantes, prenderam-se nos dela, e a Milla não conseguiu desviar o olhar.

Ele está morto! Alguém matou o seu amigo. Não está segura! A Milla queria agarrar na mulher e contar-lhe o que tinha visto, mas a sua boca parecia cheia de serradura e as palavras não saíram.

A mulher baixou o olhar apenas por um instante, para o disco dourado à volta do pescoço da Milla. Arquejou e arregalou os olhos. Surpresa, alegria e medo passaram pelo rosto da mulher numa sequência rápida, como as sombras das nuvens sobre o mar.

O rosto da Milla ardia sob a máscara.

A mulher recuou, mas manteve os olhos fixos nos da Milla, como se estivesse a tentar dizer-lhe algo.

Os seus vizinhos mais próximos viraram-se para a Milla, curiosos para ver o que a mulher fitava. A Milla baixou a cabeça, grata pela máscara que lhe tapava a cara. Começou a recuar. A seguir, virou-se e tirou a máscara, enfiando-a no bolso do vestido para não a poderem identificar. Ela chegou à plataforma onde estavam os duques. Contornou-a discretamente, com esperança de que ninguém reparasse nela.

A Duquesa Serina falava baixinho ao lado do marido. Mesmo a franzir muito a testa era deslumbrante, com uma pele dourada e limpa, maçãs do rosto altas e uns olhos expressivos que pareciam negros à luz ténue.

— Mandas recuar os teus guardas? — perguntou a Serina ao duque. — A mulher parecia idosa. Sozinha. Não é uma ameaça.

— Minha querida. — O tom do Duque Olvar era controlado e quase inaudível. Ele fitou a Duquesa Serina. — Não te preocupes. Deixa os guardas lidarem com isto...

Atrás da plataforma, a Milla estava suficientemente próxima para ver os nós dos dedos do duque ficarem brancos conforme agarravam o braço da sua mulher.

Os olhos da Milla detetaram um vislumbre de movimento. Enquanto todos estavam distraídos, a ver os guardas procurar entre a multidão, a mulher tinha alcançado as traseiras do salão, com a sua capa azul-escura quase invisível nas sombras. Ela afastou uma peça decorativa na parede e desapareceu atrás da tapeçaria.

Mais ninguém a viu.

A Milla sentiu as palavras subirem na sua garganta. *Ela está ali. Está a fugir!* Contudo, lembrou-se do brilho intenso de reconhecimento nos olhos castanhos da mulher e não disse nada.

PRIMEIRO VOLUME DA SAGA
LENDAS DOS CÉUS

Antigamente, na ilha de Arcosi,
os dragões e os seus cavaleiros dominavam
os céus. Com o tempo, tornaram-se
apenas lendas no imaginário do seu povo.
Mas tudo muda quando Milla, uma jovem aia,
testemunha um crime e acaba a cuidar dos
últimos quatro ovos de dragão do mundo.
Mas será que vai conseguir salvá-los perante
o perigo que espreita a cada esquina,
especialmente quando confrontada
pelo impiedoso Duque Olvar?

**Uma aventura destemida que nos
insurge a lutarmos pela igualdade
e a procurarmos a nossa identidade.**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

penguinlivros.pt

penguinkidspt

ISBN: 978-989-589-081-1



9 789895 890811